

As dimensões estruturantes do trabalho policial**The structuring dimensions of police work****Las dimensiones estructurantes del trabajo policial****Recebido: 05/12/2017****Aprovado: 06/04/2018****Publicado: 27/09/2018****Karoline Bernardes Torres¹****Ioneide de Oliveira Campos²****Daniela da Silva Rodrigues³**

Este artigo tem como objetivo investigar as dimensões estruturantes do trabalho do policial militar em ação e identificar as estratégias de defesa utilizadas pelo trabalhador em seu contexto laboral. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada no período de outubro a novembro do ano de 2015, com base em um estudo de caso de uma policial militar em ação, e conduzida segundo os pressupostos da visão macro e microergonômica da tarefa e da atividade que compõem o trabalho policial. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, e observação do ambiente de trabalho, analisados com base na técnica de análise de conteúdo, e nas dimensões estruturantes do trabalho. Após vivenciar situações estressantes, o sujeito pode manter ou compensar as perdas por meio do uso de estratégias que viabilizam novas formas de desempenho das atividades instrumentais de vida diária e do trabalho.

Descritores: Trabalho; Estresse psicológico; Saúde do trabalhador; Polícia; Segurança.

This article aims to investigate the structuring dimensions of the work of a military police officer in action and identify the defense strategies used by her officer in her working context. It is a qualitative study, carried out from October to November of 2015, based on a case study of a military police officer in action, and conducted according to the assumptions of macro and microergonomic perspectives of the work, and of the activity that makes up the police routine. Data was collected through a semi-structured interview and through observation of the work environment. It was analyzed based on the technique of content analysis, and the structuring dimensions of the work. After experiencing stressful situations, the individual can maintain or compensate the losses through the use of strategies that enable new forms to perform the instrumental activities of daily life and work.

Descriptors: Work; Stress psychological; Occupational health; Police; Safety.

Este artículo tiene como objetivo investigar las dimensiones estructurantes del trabajo del policía militar en acción e identificar las estrategias de defensa utilizados por el trabajador en su contexto laboral. Se trata de una investigación cualitativa, realizada en el período de octubre a noviembre del año de 2015, con base en un estudio de caso de una policía militar en acción, y conducida según los presupuestos de la visión macro y microergonómica de la tarea, y de la actividad que compone el trabajo policial. Los datos fueron colectados por medio de entrevista semiestruturada, y observación del ambiente de trabajo, analizados con base en la técnica de análisis de contenido y en las dimensiones estructurantes del trabajo. Después de vivir situaciones estresantes, el sujeto puede mantener o compensar las pérdidas por medio del uso de estrategias que viabilizan nuevas formas de desempeño de las actividades instrumentales de vida diaria y del trabajo.

Descriptorios: Trabajo; Estrés psicológico; Salud laboral; Policía; Seguridad.

1. Psicóloga. Terapeuta Ocupacional. Especialista em Neuropsicologia. Psicóloga na Clínica da Polícia Civil do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil. ORCID: 0000-0002-3683-3595 E-mail: karoline.torres17@gmail.com

2. Terapeuta Ocupacional. Mestre em Enfermagem Psiquiátrica. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade de Brasília (UNB) – Campus Ceilândia, DF, Brasil. ORCID: 0000-0003-2529-3324 E-mail: ioncampos@hotmail.com

3. Terapeuta Ocupacional. Especialista em Reabilitação de Membros Superiores. Especialista em Epidemiologia em Saúde do Trabalhador. Mestre em Engenharia de Produção/Ergonomia. Professora Assistente do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UNB – Campus Ceilândia, DF, Brasil. ORCID: 0000-0001-7391-1794 E-mail: danirodrigues.to@gmail.com

INTRODUÇÃO

A concepção de condições laborais como uma das dimensões estruturantes do trabalho começou a ser construída na década de 1970, período em que foram esboçados os primeiros delineamentos de algumas diretrizes direcionadas aos trabalhadores cujas competências diziam respeito ao “cuidar”¹. Subsequentemente, as condições de trabalho passaram a ser objeto da investigação de aspectos relacionados a problemas crônicos dos trabalhadores, como o estresse e desânimo no local de trabalho.

O estresse ocupacional tem aumentado desde a década de 1990 e as situações de estresse que afetam a saúde física e emocional do sujeito, sobretudo de algumas profissões, como a de policial, vêm se tornando cada vez mais comuns nos ambientes de trabalho².

No que se refere ao exercício profissional do policial militar destacam-se aspectos inerentes a sua atividade laboral, como a percepção do risco real e iminente durante as ocorrências; as perdas de colegas em serviço; regras de orientação da conduta profissional e definição de metas de ação; o sentimento de desvalorização e a falta de reconhecimento social; a existência de relações hierárquicas; dentre outros, são estes fatores determinantes na saúde física e mental dos policiais, podendo impactar na subjetividade do indivíduo e serem fonte de sofrimento e adoecimento no trabalho^{3,4}.

Entende-se a atividade de trabalho como tudo que, em uma situação real, não foi previsto pela concepção, pelo planejamento e organização de uma tarefa. Destaca-se que a psicodinâmica do trabalho revela o como e o quanto a experiência prática e afetiva no fazer se apropria da subjetividade do indivíduo, devido aos constrangimentos da organização do trabalho e relações de dominação⁵.

O fazer do policial tem como demandas constantes, a tomada de decisões de maneira ágil e que envolve algumas variáveis que o tornam ainda mais estressante, tais como falta de controle a cada missão, exaustivo ritmo de jornada, turno pesado de trabalho

(plantões) e distanciamento entre o trabalho real e o prescrito, o que acarreta um processo de fadiga mental denominada carga mental ou psíquica, posteriormente identificado como sofrimento psíquico⁶.

Os comprometimentos psíquicos dos policiais em ação, quando em sofrimento, não se manifestam de maneira igualitária entre os sujeitos que desempenham a mesma função, pois há uma busca de “se defender” de forma singular. Trata-se de um processo denominado “mecanismos e estratégias de defesa”⁵.

Assim, com essa sobrecarga de trabalho intrínseca à atuação do policial, compreende-se que esta profissão agrega dois tipos de dimensões: uma objetiva, composta por regras, condutas e condições do trabalho, e outra subjetiva, que congrega os significados e sentidos que cada sujeito atribui a suas ações e às formas singulares de enfrentamento diante das diversas situações vivenciadas⁷.

Para uma análise mais ampla, faz-se importante pontuar que, em relação à categoria “trabalho”, esta pode ser analisada sob duas perspectivas: macroergonômica e microergonômica. A primeira é composta pelos fatores estruturantes e manifesta-se no contexto do trabalho, sendo esses fatores caracterizados em cinco dimensões: condições do trabalho, organização do trabalho, relações socioprofissionais do trabalho, reconhecimento e crescimento profissional, elo de trabalho e vida social.

Já o nível microergonômico diz respeito ao custo humano do trabalho (físico, cognitivo, afetivo) e a mecanismos/estratégias de defesa. Tais perspectivas, por sua vez, podem ser atribuídas às constituintes de uma condição de bem-estar ou mal-estar no trabalho⁸, neste estudo, na atuação policial.

No cenário brasileiro, o número de afastamentos e aposentadorias por problemas psicológicos no cargo específico de policial aumentaram significativamente em parte do Brasil. Segundo dados do Centro de Perícias Médicas Militares (CPMM), entre 2008 e 2012, ocorreram 184 afastamentos definitivos e temporários por problemas de

saúde, como distúrbios mentais e comportamentais, como estresse e depressão⁹.

É possível observar, nas pesquisas que tratam sobre essa temática, que as dimensões da tarefa são capazes de criar estados psicológicos críticos em função dos policiais estarem expostos frequentemente às situações de risco, sobrecargas e desgaste relacionados ao trabalho, muitas vezes, inesperados e causadores de mal-estar psíquico e físico¹⁰⁻¹³.

Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa foi investigar as dimensões estruturantes do trabalho do policial militar em ação, e identificar as estratégias de defesa utilizadas pelo trabalhador em seu contexto laboral.

MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa que se pautou no método de estudo de caso. Tal abordagem propõe um diálogo entre pesquisador e participante que valorize a construção de sentidos subjetivos que se constituem com base nessa relação¹⁴. A escolha deste método justifica-se por permitir o aprofundamento com um caso único, do contexto de uma situação real, com vistas à identificação de condições contextuais, pertinentes e singulares, mas referenciadas a níveis mais amplos de determinação social¹⁵.

O estudo em profundidade foi realizado com uma policial, do sexo feminino, 47 anos, casada, mãe de três filhos, com ensino superior completo, que reside em apartamento próprio com sua filha caçula, e esposo. Trabalha como Sargento em um Batalhão da Polícia Militar do Centro-Oeste há 20 anos e, na corporação, já realizou serviços administrativos, porém atualmente está em atividade na categoria “policiais de rua ou em ação”. Nesta pesquisa, ela será identificada pelo nome fictício de Maria.

O levantamento dos dados ocorreu em um Batalhão de Polícia Militar (BPM) do Centro-Oeste, o qual apresentava inúmeras demandas referentes às dimensões estruturantes e de custo humano no trabalho.

O local contava com aproximadamente 30 policiais mulheres.

A coleta de dados foi realizada de outubro a novembro do ano de 2015. Encontravam-se em atividade no referido Batalhão três policiais, das quais duas estavam em licença médica, e uma desempenhava normalmente suas funções e atividades laborais, sendo esta a escolhida.

Foram realizados três encontros, de aproximadamente duas horas cada, para a realização das entrevistas e para a observação da atividade de trabalho da policial. Utilizou-se um roteiro semiestruturado, com tópicos relacionados a: tarefas e atividade de trabalho, compreensão da forma de organização e condições de trabalho, dimensões estruturantes do contexto laboral, estratégias operatórias/defensivas, crescimento profissional e vida social. Para a compreensão da atividade de trabalho, foram feitas observações sobre o local de trabalho e a atividade da policial em ação, com base no método da Análise Ergonômica do Trabalho (AET)¹⁶.

Como fonte de dados para compreensão da organização institucional, das funções atribuídas a cada patente policial, do histórico ocupacional e da carreira policial, realizou-se a análise de documentos dos arquivos do Batalhão, obtidos por meio de consultas a informações escritas.

Desse modo, o percurso metodológico que envolveu a realização de entrevistas, observações e análise documental, configura-se como forma de investigação que possibilita compreender e elucidar as situações abordadas. Caracterizando-se pela obtenção de dados sobre o processo que ocorre e a análise referente a um determinado fenômeno¹⁷.

Os dados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo¹⁸, preconizada como um procedimento metodológico aplicado ao discurso, o que permite obter dados cifrados baseados na inferência e dedução do pesquisador, com vistas a compreender o que os indivíduos manifestam ou deixam de revelar em seus discursos.

As categorias foram baseadas nas cinco dimensões estruturantes do trabalho⁸, entretanto, para este estudo, foram agregadas da seguinte maneira: a) Condições e Organização de trabalho; b) Relações sócio profissionais e Reconhecimento/Crescimento profissional e; c) Elo entre trabalho e vida social, resultando em três categorias de análise.

Quanto aos aspectos éticos, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, CAEE: 44239215.0.0000.0023, conforme o preconizado pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

O caso da policial Maria evidencia o processo de desgaste e sofrimento no trabalho, expresso por meio de sua narrativa a respeito das diversas situações e vivências no ambiente da corporação da polícia militar.

Dentre os principais aspectos evidenciados por Maria nos níveis macroergonômico e microergonômico na sua atividade laboral, destacam-se respectivamente: a estrutura organizacional hierárquica e as condições precárias de trabalho; e o custo humano afetivo envolvido no desempenho da sua ocupação, como na Figura 1.

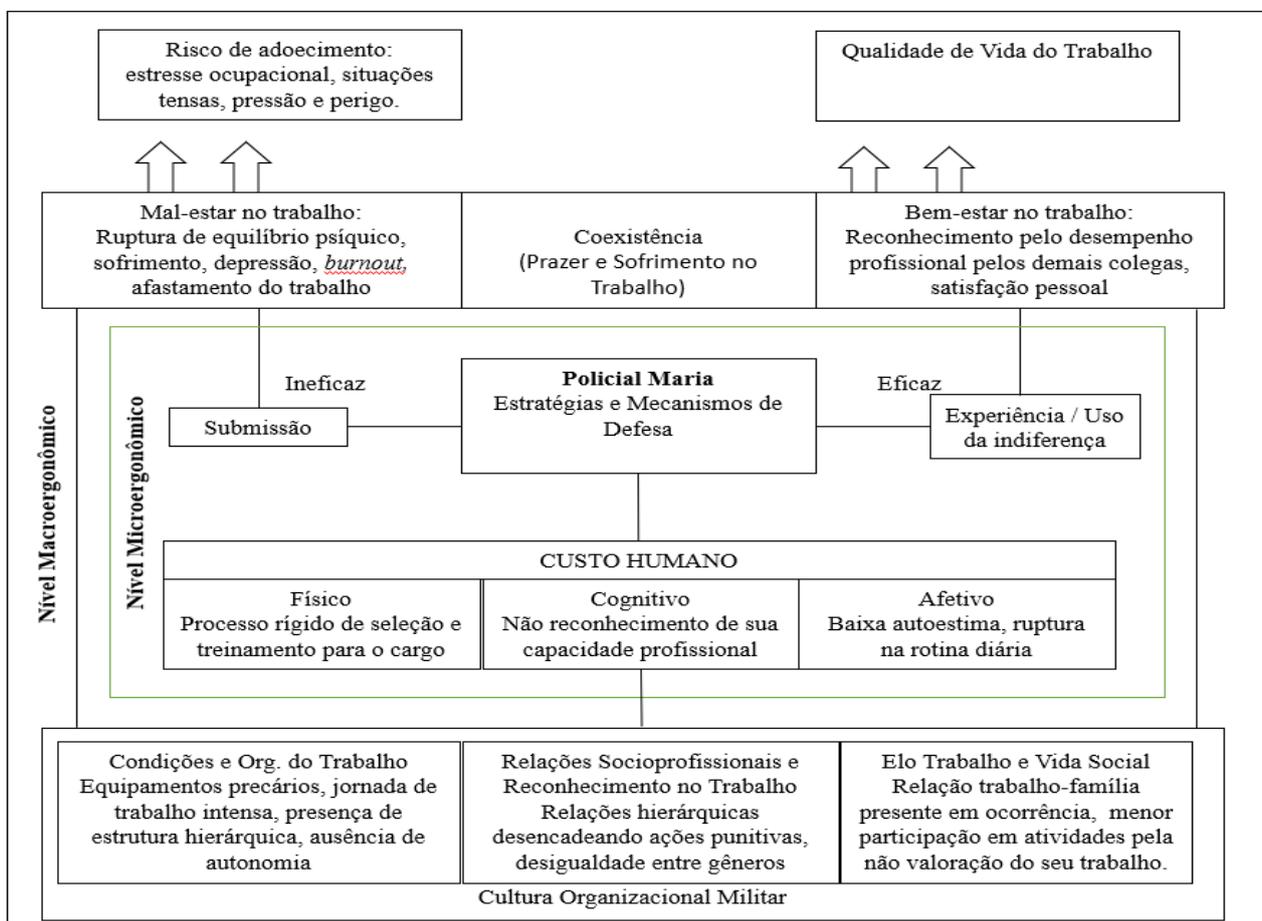


Figura 1. Modelo descritivo das dimensões estruturantes do trabalho da policial Maria. Centro Oeste, 2015. Fonte: Adaptado⁸

A dimensão “condições e organização do trabalho” englobou, respectivamente: os equipamentos, materiais, instrumentos, suporte institucional e a divisão e processo de trabalho, missão, objetivos e metas organizacionais, tempo de trabalho (jornada,

turnos), gestão e disciplina. Também foram consideradas as condições sociais, ambientais e subjetivas da policial, compreendidas nos aspectos de custo afetivo, vida social, relações hierárquicas,

desenvolvimento de competências, entre outros.

A seguir são apresentadas as categorias de análise temática do conteúdo, obtidas a partir da narrativa da participante.

Categoria 1. Condições e Organização de Trabalho

O trabalho da policial como Sargento no Batalhão compreende comandar um pelotão de soldados e ser responsável pelas operações de comunicação, construção e desenvolvimento nos chamados referentes à sua área de atuação. Já a atividade de policiamento, durante o turno diário de trabalho, inclui responder aos chamados da radiopatrulha, verificar a presença e o desempenho dos soldados que compõem o pelotão pelo qual é responsável e participar das missões policiais. Maria informou que casos de roubo/furto ou conflitos entre conhecidos representam a maioria das ocorrências.

O trabalho nas ruas expõe os policiais a riscos à integridade física e mental, decorrentes de situações tensas, pressão e perigo que enfrentam cotidianamente, uma vez que as ocorrências envolvem a sua própria segurança e a de outras pessoas. Além disso, a estrutura organizacional, pautada na hierarquia e disciplina, o processo rígido de seleção e treinamento para cada cargo, a jornada de trabalho intensa e as condições dos equipamentos disponibilizados para as ações, muitas vezes precárias, também podem gerar constrangimentos aos policiais durante o trabalho.

A estrutura hierárquica e disciplinar da corporação, é expressa por meio de ações punitivas e/ou ameaças, por exemplo durante uma operação policial em que ela, após mais de oito horas de trabalho ininterruptas, solicitou ao comandante a permissão para se retirar do local e satisfazer suas necessidades fisiológicas. Foi por ele repreendida e alertada de que deveria permanecer no local:

Sempre fui muito submissa e passiva aos comandos que regiam o âmbito do trabalho policial e, nesse dia, fiz xixi na roupa para não desacatar o comando do superior,

por medo de perder meu emprego depois da pressão que sofri do meu comandante.

O estresse vivenciado durante o cotidiano laboral de policiais militares pode causar uma ruptura de equilíbrio psíquico ou até mesmo desencadear um quadro de depressão, em virtude do contato constante com agentes estressores inerentes a este tipo de trabalho. Nesse sentido, Maria relatou um episódio vivenciado durante a sua trajetória profissional:

Ontem mesmo houve um suicídio de um policial lá no meu Batalhão, e foi no local que ele trabalhava. Todos nós ficamos chocados com o ocorrido, porque ele já era muito quieto e, nesse ponto, a Polícia Militar deixa a desejar, no aspecto de acompanhar o policial, porque você pode estar sofrendo de outra forma sem aparentar nada.

Sobre a rotina e organização do trabalho, ela afirmou:

Meu dia típico é trabalhar 12 horas e folgar 60 horas. Quando estou de plantão, fico preparada para qualquer coisa, mas não sei o que pode acontecer. Então, eu tento não pensar na minha volta para casa. Meu dia fora da rotina é quando eu troco de escala com algum colega de serviço ou quando eu não recebo nenhum chamado no rádio quando estou na patrulha.

Independentemente da especificidade de cada órgão e cargo da segurança pública, exige-se a adoção de uma sequência de procedimentos, elaborada com o propósito de preservar a doutrina construída historicamente e ainda presente na atuação dos profissionais da área.

Categoria 2. Relações Socioprofissionais e Reconhecimento/Crescimento Profissional

Durante um curso de formação, Maria foi uma das poucas mulheres no quadro da corporação. Este pequeno interesse feminino pode ser compreendido por meio da análise de seu relato, o qual evidencia a existência de uma cultura interna que não valoriza as atitudes ou reconhece valores como o respeito à igualdade entre ambos os sexos. Para exemplificar, ela se lembrou de um treinamento de tiros, durante o qual os superiores subestimaram a sua capacidade:

Ele gritava muito e falava que eu seria a primeira a realizar essa tarefa para mostrar aos demais o que não deveria ser feito quando um policial pegasse numa arma, mas ele não sabia que eu tinha aprendido com meu primeiro marido, que, por sinal, era militar, a atirar perfeitamente bem, sem derrubar a bala que colocamos na parte de cima do cano (risos). Eu executei

o comando com eficiência e todos ficaram admirados pela minha capacidade e, desde então, passei a ser conhecida pela corporação como atiradora de elite.

O desfecho dessa situação, no caso de Maria, foi a denominação de 'atiradora de elite', o que denota um reconhecimento devido à sua prévia experiência profissional. No entanto, situações discriminatórias vivenciadas no contexto de trabalho também emergiram de seu relato.

Em outro relato questões de treinamento e da relação de gênero foram destacadas em uma das falas de Maria:

No meu ingresso ao Batalhão fui submetida ao curso de formação da Polícia Militar (PM). Realizei treinamentos de tiros, simulação de missões nas ruas, dentre outros procedimentos. Por ser mulher, sofri muita retaliação por parte dos meus superiores, pressões psíquicas pelos meus colegas de serviço, mas nunca pensei em abandonar a polícia.

Segundo ela, a relação entre superior e subordinado, pode, muitas vezes, desencadear sofrimento psíquico, que se revela sob diversos constrangimentos: baixa autoestima, menor participação nas atividades de trabalho, rupturas na rotina diária, por estar em situação de vulnerabilidade emocional, e o próprio afastamento laboral.

Categoria 3. Elo entre Trabalho e Vida Social

A policial também discorreu sobre as implicações do sofrimento vivenciado no trabalho em sua vida pessoal. Lembrou-se de um episódio que marcou a sua vida: em um dia de trabalho típico, recebeu uma denúncia anônima pelo rádio de uma menina abandonada em um lugar isolado, inconsciente e com sinais de abuso sexual. Ao chegar ao local da ocorrência, notou que essa menina era sua filha:

Meu coração parecia que ia sair pela boca, eu suava frio. Não conseguia raciocinar direito, lembro que fiquei naquela indecisão de agir como mãe ou de agir como uma policial de verdade que honra a sua farda. Aí o que eu fiz? Peguei a minha filha, coloquei-a na viatura e levei-a para o hospital mais próximo. Naquele momento não honrei com o juramento que fiz, tive uma atitude de mãe, pois não dava para ficar esperando o socorro, quando eu cheguei ao hospital eles me disseram que se ela tivesse demorado mais um pouco teria morrido. Imagina a culpa que eu ia ficar? Penso agora que o melhor que tinha para ser feito, eu fiz e isso me conforta muito.

Esta situação, de extrema dor e angústia vivenciada por Maria, evidencia uma faceta constrangedora do trabalho que muitas vezes compromete os valores subjetivos do sujeito, impondo-se como uma fonte de sofrimento proporcional à natureza e à intensidade do conflito. Sob tal perspectiva, a policial verbalizou:

Eu olhava para os lados e via meus colegas que estavam presenciando aquela cena, já estava imaginando na possibilidade do resto do batalhão ficar sabendo do que estava acontecendo ali.

Apesar desta situação vivenciada, atualmente Maria conduz as diligências da mesma forma como antes, porém desenvolveu algumas estratégias que lhe garantem maior proteção:

Entro em uma casca, para não sentir nada, atuo somente com o comando e em todos os momentos dou o melhor de mim.

DISCUSSÃO

Compreender a magnitude (nível macroergonômico) do trabalho dos policiais militares requer, para além das condições materiais, técnicas e ambientais, o entendimento dos aspectos organizacionais e de precarização do trabalho, de riscos e questões de insegurança, situações de estresse e tomada de decisão, relações de poder, formas rígidas de gestão e jornadas exaustivas que impactam diretamente a qualidade de vida e saúde desses trabalhadores.

No que se refere à organização da polícia militar tem-se o *modus operandi* atual de intervenção dos profissionais pautado em uma estrutura de 1942 e fundamentado essencialmente em dois pilares: a disciplina e a hierarquia¹⁹. A presença de atitudes disciplinadoras e de relações hierárquicas foi constatada na fala de Maria, quando ela relatou que foi repreendida pelo comandante, seu superior, em uma operação policial.

A estrutura organizacional rígida e imposta, baseada no controle e dominação, diminui a margem de manobra que o trabalhador possui para executar a sua tarefa, ou seja, a inflexibilidade organizacional restringe a autonomia do sujeito no desempenho da sua atividade

laboral e, conseqüentemente, influencia na subjetividade, na (in) satisfação e no sofrimento dos trabalhadores²⁰. Já ao pontuar na sua narrativa sobre a existência de equipamentos e instrumentos de baixa qualidade para o uso, Maria revelou a precarização das reais condições de trabalho existentes na polícia militar.

Somados a isso, tem-se os aspectos inerentes à profissão como as situações de alto risco e insegurança, uma vez que os policiais estão imersos em cenários de tensões, violências, confrontos sociais e morte, em que o profissional pode sofrer conseqüências físicas e emocionais²¹.

Estes achados corroboram com estudos que apontam as condições de trabalho inadequadas, envolvendo restrição de recursos financeiros para a manutenção de equipamentos; ambiente de trabalho precário; falta de suporte organizacional (tecnologias, políticas de remuneração, capacitação, e outros); mas também a exposição dos policiais às situações de vulnerabilidade e de risco e as relações hierárquicas, como as principais causas de sofrimento e adoecimento dessa categoria profissional^{4,19,22,23}.

Esta pesquisa assinalou, por meio do relato de uma policial militar, a existência de sofrimento tanto nas relações por ela mantidas no convívio do trabalho quanto na sua rotina diária, diante da insegurança gerada pela possibilidade de atender ocorrências estressantes e imprevisíveis diariamente.

A dimensão estruturante do reconhecimento profissional é decisiva na motivação para o trabalho. Quando a qualidade do trabalho do sujeito é reconhecida, também seus esforços, angústias, decepções e desânimo adquirem sentido²⁴. Todo o sofrimento, portanto, não foi em vão. O trabalhador prestou uma contribuição à organização do trabalho e, ao mesmo tempo, fez-se um sujeito diferente daquele que era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho, então, pode levar à construção de sua identidade.

Sob tal perspectiva, no caso da atuação da policial em particular, aspectos de

reconhecimento, valorização e validação da atuação do sujeito são fundamentais para promover as potencialidades necessárias à execução de tarefas ou ao bom desempenho durante uma missão policial²⁵.

Por outro lado, Maria enfrentou, por ser mulher, constrangimentos relacionados à discriminação e a falta de reconhecimento profissional de seus colegas policiais homens e, do seu comandante por julgarem que a função de atiradora não poderia ser atribuída ao sexo feminino.

No Brasil, o trabalho feminino indica a existência de discriminação, repressão, humilhação e desrespeito, que podem representar importantes fontes de tensão²⁶. Estudos realizados em Minas²⁷, São Paulo²⁸ e Rio Grande do Sul²⁹, corroboram esses achados e mostram que apesar das particularidades de cada estado, todos retratam a desigualdade entre homens e mulheres policiais.

A dimensão representada pelo Elo Trabalho e Vida Social pôde ser observada quando Maria descreveu a relação trabalho-família durante experiência de atender a sua própria filha em uma ocorrência. A relação trabalho-casa é uma esfera da vida que pode se tornar um prolongamento do tempo vivido no ambiente laboral e, ainda, influenciar no bem ou mal-estar no trabalho, pois está fortemente influenciada por fatores individuais, frutos de experiências ligadas às situações reais de trabalho³⁰.

As relações disciplinares e hierárquicas, no que se refere às patentes, levam a uma desvalorização do indivíduo, baixa autoestima, captura da subjetividade³¹, impactando na saúde do policial e, podendo ser, inclusive, uma das causas que levam ao desgaste do trabalhador no seu ambiente de trabalho, assim como em seu convívio social.

As relações de poder na corporação militar foram evidenciadas na narrativa de Maria quando ela destacou a sua postura submissa e passiva frente aos comandos recebidos por superiores, muitas vezes em detrimento do seu bem-estar. Em sistemas nos quais predominam a dominação, estes operam nos moldes de vigilância, de administração do tempo e delimitação de

espaço para produzir e manter o poder. Tem-se, ao mesmo tempo, um corpo produtivo e submisso³².

Os trabalhadores submetidos a um sistema de controle e de dominação com ameaças e ações punitivas vivem constantemente com medo. Esse medo é permanente e gera condutas de obediência e até submissão²⁴.

Maria trouxe em sua fala que “*sempre foi muito submissa e passiva*”, o que evidencia a submissão como uma das estratégias utilizadas por ela para enfrentar o constrangimento vivido durante sua atividade de trabalho. Nesse sentido, quando o sujeito assume uma posição submissa diante de algo dominante, ele necessariamente entra em um processo de perdas³³. No caso de Maria, o uso da estratégia de submissão (ineficaz) poderia ter desencadeado sofrimento ou adoecimento.

Em outra situação de constrangimento em seu trabalho, Maria se sentiu exposta durante o atendimento a um chamado policial em que sua filha era a vítima, o que gerou sofrimento e fez com que as defesas que a sustentavam em uma situação tida como normal fossem desconstruídas e edificadas sob novas bases, o que a fortaleceu³⁴.

Observa-se, portanto, que a facilidade ou a dificuldade de Maria em ação em conseguir se manter menos envolvida emocionalmente com as situações inerentes ao seu trabalho, com cautela para dosar seu sofrimento durante uma operação policial, constitui uma estratégia de defesa individual²⁶, que pode ser acionada a qualquer momento. Para trazer esse fenômeno de maneira mais ampla ao contexto do trabalho policial, assinala-se a forma como muitos profissionais lidam com as suas vivências, que consiste em bloquear os sentimentos durante uma operação ou ocorrência, por ser, segundo relatos de alguns policiais¹, mais fácil bloquear situações aversivas referentes ao trabalho do que trabalhar as diversas demandas que surgem no momento do conflito vivenciado.

Necessárias à proteção da saúde mental contra os efeitos deletérios do sofrimento, as estratégias defensivas podem também funcionar como uma armadilha que insensibiliza contra aquilo que faz sofrer. Além disso, permitem tornar tolerável o sofrimento ético, e não mais apenas psíquico. O trabalhador pode experimentar ao cometer, por causa do seu trabalho, atos que condenam moralmente²⁶.

Percebe-se, contudo, que Maria acionou recursos emocionais para enfrentar a intensidade das situações de trabalho após a difícil experiência de atender a sua própria filha na condição de vítima. Mesmo tendo se afastado temporariamente do trabalho após esta operação, Maria buscou tornar-se indiferente e insensível às causas desse sofrimento para evitar futuros adoecimentos quando do seu retorno às atividades.

Assim, o trabalho dos policiais militares é permeado por insegurança e medo, em virtude das diversas situações limítrofes a que estão expostos cotidianamente, na quais o risco de vida é iminente.

A relação entre o psíquico e o corpo, as vivências durante as ocorrências, o estresse e os constrangimentos podem desencadear o sofrimento, sendo este um dos responsáveis pelos acometimentos de saúde dos policiais em seu ambiente de trabalho³⁵. Assim, é cada vez mais frequente, uma resposta emocional emergir como forma de sanar os impactos advindos do meio em que o sujeito está inserido.

CONCLUSÃO

Com base nos objetivos traçados foi possível identificar alguns sentimentos comumente presentes no contexto de atuação de policiais: insegurança, ansiedade, medo, vergonha e raiva, interpelados pelas questões de gênero. Ademais, as práticas de gestão policial podem ser potencialmente adoecedoras, sobretudo em virtude da natureza da demanda de uma operação policial, ou ainda pelas relações opressoras existentes.

Cabe fomentar discussões e investimentos em projetos que contemplem o trabalho policial, as questões de gênero e o

sofrimento psíquico, bem como o desenvolvimento de políticas públicas específicas baseadas na interface entre saúde mental e trabalho. Trata-se de uma forma de garantir o acolhimento das demandas dos sujeitos, em uma perspectiva de compreensão dos processos sociais inerentes ao cotidiano das pessoas em sofrimento.

Para validar as questões levantadas e conscientizar os gestores públicos, faz-se necessário o desenvolvimento de novas pesquisas, com maior número de participantes, para que a limitação deste estudo possa ser superada e seja possível comprovar o quão adoecedor pode se tornar o trabalho policial.

REFERÊNCIAS

1. Codo W, Vasques-Menezes I. Educar, educador. In: Codo W, coordenador. Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da existência do educador, que pode levar à falência da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; 1999. p. 37-47.
2. Lipp MEN, Costa KRSN, Nunes VO. Estresse, qualidade de vida e estressores ocupacionais de policiais: sintomas mais frequentes. Rev Psicol Organ Trab. [Internet]. 2017 [citado em 15 jun 2016]; 17(1):46-53. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n1/v17n1a06.pdf>
3. Minayo MCS, Adorno S. Risco e (in)segurança na missão policial. Ciênc Saúde Colet. [Internet]. mar 2013 [citado em 15 jun 2016]; 18(3):585-93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n3/02.pdf>
4. Ferreira LB, Santos MAF, PAULA KM, Mendonça JMB, Carneiro AF. Risco de adoecimento no trabalho: estudo com policiais militares de um batalhão de polícia de Brasília. Gest Soc. [Internet]. 2017 [citado em 15 jun 2016]; 11(29):1804-29. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/44917/risco-de-adoecimento-no-trabalho--estudo-com-policiais-militares-de-um-batalhao-de-policia-de-brasilia>
5. Dejours C. Trabalho vivo. Brasília, DF: Paralelo 15; 2012.
6. Dejours C. Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas; 1999.
7. Minayo MCS, Souza ER. Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.
8. Ferreira MC. Ergonomia da atividade aplicada à qualidade de vida no trabalho: lugar, importância e contribuição da análise ergonômica do trabalho (AET). Rev Bras Saúde Ocup. [Internet]. 2015 [citado em 15 jun 2016]; 40(131):18-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbso/v40n131/0303-7657-rbso-40-131-18.pdf>
9. Lyrio A. Em quatro anos, 77 policiais foram afastados por transtorno mental. Correio [Internet]. Salvador, 16 jul 2013 [citado em 10 out 2017]. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-quatro-anos-77-policiais-foram-afastados-por-transtorno-mental/>
10. Almeida DM, Lopes LFD, Costa VMF, Santos RCT. Policiais militares do estado do RS: relação entre satisfação no trabalho e estresse ocupacional. Adm Púb Gest Social. [Internet]. 2018 [citado em 15 jun 2018]; 10(1):55-65. Disponível em: <https://www.apgs.ufv.br/index.php/apgs/article/view/1366/pdf>
11. Ferreira MO, Dutra FCMS. Avaliação dos fatores psicossociais, saúde mental e capacidade para o trabalho em policiais militares de Uberaba/MG. Psicol: Saúde Ment Segur Pública. [Internet]. 2017 [citado em 15 jun 2017]; 3(6):133-51. Disponível: <http://revista.policiamilitar.mg.gov.br/periodicos/index.php/psicologia/article/view/98/198>
12. Carvalho LD. Mapeamento dos riscos psicossociais relacionados ao trabalho em policiais do 6º Batalhão de Polícia Militar do estado do Tocantins. [dissertação]. Palmas: Universidade Federal do Tocantins; 2016.
13. Fontana RT, Mattos GD. Vivendo entre e segurança e o risco: implicações à saúde do policial militar. Ciênc Cuid Saúde [Internet]. 2016 [citado em 10 out 2017]; 15(1):77-84. Disponível em:

- <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/20239/16982>.
14. González Rey FL. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.
15. Yin RK. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5ed. Porto Alegre: Bookman; 2015.
16. Guerin F, Laville A, Daniellou F, Duraffourg J, Kerguelen A. Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia. São Paulo: Blucher; 2001.
17. Rúdio FV. Diálogo maiêutico e psicoterapia existencial. São José dos Campos: Novos Horizontes; 2001.
18. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2011.
19. Silva MB, Vieira SB. O processo de trabalho do militar estadual e a saúde mental. Saúde Soc. [Internet]. 2008 [citado em 10 out 2017]; 17(4):161-70. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n4/16.pdf>
20. Dejours C. A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ed. São Paulo: Cortez; 1992.
21. Azevedo EF. A polícia e suas polícias: clientela, hierarquia, soldado e bandido. Psicol, Ciênc Prof. [Internet]. 2017 [citado em 10 out 2017]; 37(3):553-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n3/1982-3703-pcp-37-3-0553.pdf>
22. Sales MLJ, Sá LD. A condição do policial militar em atendimento clínico: uma análise das narrativas sobre adoecimento, sofrimento e medo no contexto profissional. Rev Pós Ciênc Soc. [Internet]. 2016 [citado em 10 out 2017]; 13(25):181-205. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/4279/2333>.
23. Alves GFS, França FG. Assédio moral entre mulheres policiais militares. Rev Bras Sociol Direito. [Internet]. 2018 [citado em 10 out 2017]; 5(1):73-99. Disponível em: <http://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/view/197/134>
24. Dejours C. A Banalização da injustiça social. 7ed. Rio de Janeiro: FGV; 2007.
25. Billiard I. Saúde mental e trabalho: a ascensão da psicopatologia do trabalho. Paris: [s.n.]; 2001.
26. Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez; 2011.
27. Carvalho ACM, Oliveira LMCD. Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na polícia militar de Minas Gerais. Rev Adm Mackenzie. [Internet]. 2017 [citado em 10 out 2017]; 11(3):71-99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ram/v11n3/a06v11n3.pdf>
28. Durão SSB, Ferreira VA. Das máscaras do estado: mulheres e pesquisadoras na polícia militar. Público Priv. [Internet]. 2016 [citado em 10 out 2017]; (28):15-47. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=opublicooprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=2285&path%5B%5D=2059>
29. Lara LF, Campos EAR, Stefano SR, Andrade SM. Relações de gênero na polícia militar: narrativas de mulheres policiais. Holos [Internet]. 2017 [citado em 10 out 2017]; 33(4):56-77. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4078/pdf>
30. Ferreira MC. Qualidade de vida no trabalho: uma abordagem centrada no olhar dos trabalhadores. 3ed. Brasília, DF: Paralelo 15; 2017.
31. Alves G. Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo; 2011.
32. Foucault M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes; 1987.
33. Sato L, Lacaz FAC, Bernardo MH. Psicologia e saúde do trabalhador: práticas e investigações na saúde pública de São Paulo. Estud Psicol. [Internet]. 2006; (11)3:281-8.
34. Lancam S, Jardim B, Barros J. Trabalho e subjetividade. In: Simonelli AP, Rodrigues DS, organizadores. Saúde e trabalho em debate: velhas questões, novas perspectivas. Brasília, DF: Paralelo 15; 2013. p. 17-31.
35. Bottega CG, Merlo ARC. Prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua. Cad Psicol Soc Trab. [Internet]. 2010; 13(2):259-75. Acesso em: 10 out 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25729/27462>

CONTRIBUIÇÕES

Karoline Bernardes Torres foi responsável pela concepção e redação do texto, organização de fontes e/ou análises, coleta e tratamento de dados. **Daniela da Silva Rodrigues** colaborou no desenho do estudo, em sua análise, na revisão crítica do artigo e na orientação do trabalho. **Ioneide de Oliveira Campos** colaborou na revisão crítica do artigo.

Como citar este artigo (Vancouver)

Torres KB, Campos IO, Rodrigues DS. As dimensões estruturantes do trabalho policial. REFACS [Internet]. 2018 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 6(Supl. 2):552-562. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (ABNT)

TORRES, K. B.; CAMPOS, I. O.; RODRIGUES, D. S. As dimensões estruturantes do trabalho policial. REFACS, Uberaba, MG, v. 6, supl. 2, p. 552-562, 2018. Disponível em: <*inserir link de acesso*>. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

Como citar este artigo (APA)

Torres, K. B.; Campos, I. O. & Rodrigues, D. S. (2018). As dimensões estruturantes do trabalho policial. REFACS, 6(Supl. 2), 552-562. Recuperado em: *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.